

## Conto popular e história regional no Rio Grande do Sul

Lisana Bertussi\*

Guilhermino Cesar, em *História da literatura no Rio Grande do Sul*,<sup>1</sup> localiza as origens da literatura oral gaúcha no período anterior à chegada dos imigrantes, ou seja, 1824.<sup>2</sup> E caracteriza essa produção como anônima, não intelectualizada e devendo sua permanência ao fato de expressar os ideais e sonhos da coletividade. Certamente, o historiador tinha o intuito de demarcar muito mais o início de uma produção literária escrita, como sistema institucionalizado, do que o início e término de uma literatura popular, que continuou sempre sendo produzida e circulou continuamente, mais ou menos à margem do sistema canonizado, mesmo que tenha vindo a ser alvo de interesse da Crítica e História da literatura gaúcha mais tarde.

Entre as manifestações da literatura oral sul-rio-grandense, está o costume de contar causos, presente em todas as sociedades primitivas, como possibilidade configuradora do mundo, para comunidades ainda sem outra forma de interpretação de seu universo. Lembremos os mitos indígenas, as lendas regionais e a tradição de toda a Mitologia greco-latina fortemente utilizada na Literatura ocidental.

No Rio Grande do sul, temos essa manifestação cultural grandemente presente nas zonas rurais. É comum encontrarmos um contador e seus ouvintes junto do fogo de chão no galpão, perto do fogão a lenha na cozinha, nos velórios, nos bolichos de campanha – instituições essas de transmissão da oralidade – deleitando-se com as narrativas conhecidas aqui como “causos”. Essa é, segundo André Jolles – um dos mais importantes teóricos da literatura oral –

\* UCS.

<sup>1</sup> CESAR, Guilhermino. *História da Literatura do Rio Grande do sul*. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1971.

<sup>2</sup> Data da chegada dos imigrantes alemães no Estado.

em seu *Formas simples*,<sup>3</sup> um gênero de estrutura "simples", aberta à contribuição do receptor no momento da *performance*, portanto estimulante à reinvenção por definição.

E a Literatura regionalista gaúcha aproveita essa tendência de narrar, desde a poesia do cancionero onde os "rimances" ou "romances", como o *Tatu e a chimarrita*, são frequentes, até sua presença mais concretizada entre os ficcionistas dedicados a reaproveitar os "causos" colhidos, ou nos campos de Cima da Serra, ou na fronteira do Estado. Simões Lopes Neto, com *Contos gauchescos* (1912), *Lendas do Sul* (1913) e *Casos do Romualdo* (1914); Darcy Azambuja, com *No galpão* (1925), *Contos rio-grandenses* (1928) e *Coxilhas* (1957); Barbosa Lessa, com *O boi das aspas de ouro* (1958), *Rodeio dos ventos* (1978), entre outros, e Apparício Silva Rillo, com os seus popularíssimos *Rapa de tacho 1, 2, 3 e 4*, com dezenas de edições esgotadas, demonstram o quanto o conto popular circula no sistema literário gaúcho.

### Os contos populares regionais dos Campos de Cima da Serra

Na região conhecida como *Campos de Cima da Serra*, há uma circulação muito grande de narrativas orais que vem sendo recolhidas pelo projeto de pesquisa CAUSSER do Departamento de Letras da Universidade de Caxias do Sul. Duas coletâneas já foram publicadas pela Editora da UCS: *Estórias do seu Arquimino – contos infantis gauchescos* (1981) e *Causos do boi voador* (1996). A primeira é um conjunto de narrativas do cancionero universal transposta para o cenário e a ética do mundo rural gauchesco. É curiosoíssimo ver a Cinderela, vestida de ouro, encostar-se no balcão de um baile regional e pedir um guaraná, mostrando a adaptação do conto europeu ao universo campeiro. A segunda coletânea é uma reunião de 15 estórias, que giram em torno de temas, como o domínio da natureza, a brincadeira erótica, as lides com as emoções, principalmente as amorosas, e os conflitos gerados pela chegada da tecnologia no campo.

Vamos nos deter, mais de perto na segunda, recentemente reeditada pela EDUCS: *Os causos do boi voador*. Esse texto reúne contos populares recolhidos nos *Campos de Cima da Serra*,<sup>4</sup> os quais configuram um universo ficcional, onde não tem nenhum boi "avoante" como disse o apresentador do texto, o Prof. José Clemente Pozena-

to. Ele é apenas uma alegoria da possibilidade que o texto oferece ao leitor para vestir um par de asas na imaginação e se permitir ser levado a conhecer o mundo rural regional.

Essa valorização do popular e regional, nesse momento em que passamos pela virada do século, e em que a "aldeia global" e a integração universal ganham força, pode parecer anacrônica, mas, sem dúvida, está articulada com os tempos atuais. Lembremos o antrolólogo gaúcho, Ruben Oliven, no seu *A parte e o todo*.<sup>5</sup> Diz ele que o Regionalismo, busca da construção e afirmação da identidade regional, é uma saudável reação à massificação e homogeneização da cultura, a qual, desbastando diferenças, pretende meter todos no mesmo mapa cultural. E ainda, que criticar a utilização do mito e a estimulação da apologia dos traços regionais é esquecer o percurso histórico da busca de emblemas comunitários, sem dúvida universal.

Para reforçar esse argumento, podemos lembrar, ainda, com o escritor russo, Tolstói que: universal é aquele que sabe descrever sua aldeia. Está aí o *Quatrilho*,<sup>6</sup> que não nos deixa mentir, ao ser indicado para o Oscar 96.

Portanto, parece não haver nenhum anacronismo em fazermos acompanhar pelo Compadre Mário Soares, pelo Chico Manco, pelo velho Júlio Alemão, pelo Seu Arnóbio ou Garibaldino Lourenço de Lima e tantos outros campeiros, personagens da Aldeia do Boi Voador, nossos parceiros nesta virada de milênio.

### Causos do boi voador: um etnotexto dos Campos de Cima da Serra

No texto "Patrimônio oral e consciência cultural", segundo capítulo de *Tradition orale et identité culturelle, problèmes et méthodes*, de Jean Claude Bouvier et al. (Paris, 1980)<sup>7</sup> ao se argumentar sobre a pertinência cultural do estudo da literatura oral, refere-se o conceito de *etnotexto*, como instrumento metodológico para refletir sobre essa manifestação da cultura.

O *etnotexto* é todo documento oral ou escrito, literário ou não literário que porte alguma informação cultural sobre a comunidade. Idelete Mouzart, estudiosa francesa da literatura oral do Brasil,

<sup>3</sup> OLIVEN, Ruben. *A parte e o todo*. Petrópolis: Vozes, 1992.

<sup>4</sup> Filme baseado em romance de mesmo título de autoria do gaúcho José Clemente Pozenato e editado pela Editora Mercado Aberto em 1985.

<sup>7</sup> BOUVIER, Jean Claude et al. *Patrimônio oral e consciência cultural*. In: *Tradition orale et identité culturelle, problèmes et méthodes*. Paris: CNRS, 1980. Traduzido do Francês por Adylla Rocha Rabello e Idelete Fonseca dos Santos.

em "Escritura da voz e memória do texto: uma abordagem da literatura popular brasileira"<sup>8</sup> define-o como "discurso que um grupo social elabora sobre sua própria cultura, na diversidade dos seus componentes, e através do qual reforça e questiona sua identidade". Assim, esse texto representa uma leitura coletiva da realidade, uma forma de "a comunidade apossar-se de seus bens culturais, muitas vezes a única".

Jean Bouvier acrescenta que a informação trazida pelo *etnotexto* tem um caráter especial pois é de cunho subjetivo: é a revelação da face escondida da realidade objetiva que não aparece nos estudos clássicos da História regional. Daí, sua potencialidade desveladora. Ora, a literatura oral é um discurso portador dessa possibilidade. Advém disso, sua pertinência cultural: ele está carregado de sentido para a comunidade, porque é uma leitura que ela própria faz de si mesma. Portanto, deve ser integrado no discurso da cultura visto na sua totalidade.

Os *Causos do boi voador* podem ser lidos nessa perspectiva: eles são um *etnotexto* da cultura dos *Campos de Cima da Serra*. Através deles, podemos ler a interpretação que a comunidade rural dessa região faz de sua identidade. Podemos, ver neles o que se pensa sobre as lutas diárias pela sobrevivência, sobre as relações amorosas, o lazer, ou até sobre a chegada da modernização no campo. E esse último tema, expresso no conflito gerado pelo processo civilizatório-tecnológico e sua interferência no meio rural, é um dos aspectos mais enfáticos nas narrativas dessa coletânea, o qual consideramos merecedor de exame.

Há, nos *Causos do boi voador*, seis narrativas que abordam o tema do conflito primitivo versus civilizado: "O campeiro em Porto Alegre", "O guarda-chuva", "O fio do telefone", "A chegada do trem no campo", "O Q. Suco" e "O disco voador".<sup>9</sup> Observe-se que a cidade grande, o telefone, o trem, o Q. suco e o disco voador são aqui metonímias da interferência da civilização e do progresso no universo do campeiro. São eles elementos simbólicos do conflito de valores que desorganiza o sistema do homem rural, o qual necessita usar sua criatividade para uma nova organização reconciliatória.

A título de exemplo, vamos examinar três desses contos: "A chegada do trem no campo", "O fio do telefone" e "O disco voador".

<sup>8</sup> MOUZART, Idelete. *Escritura da voz e memória do texto: uma abordagem da literatura popular brasileira*. In: *Fronteiras do literário: literatura oral e popular Brasil/França / Org. por Zila Bernd e Jacques Migozzi*. Porto Alegre: Editora da Universidade do RS, 1995. (Ensaio CPG - Letras 1)

<sup>9</sup> BERTUSSI, Lisana e Paulo. *Causos do boi voador*. Caxias do Sul: Educus, 1996.

Vamos ao primeiro:

### A CHEGADA DO TREM NO CAMPO

*No final dos anos quarenta, início de cinqüenta, empenhava-se o exército brasileiro, com seu batalhão ferroviário, em completar a ligação de Porto Alegre a São Paulo. E os trilhos iam cortando os Campos de Cima da Serra na região de Vacaria em direção a Lages. E lá passavam pelos campos de grandes fazendeiros!*

*Pela Fazenda da Jaguatirica de propriedade dum tal de Herculano da Luz cruzou o trilho em grande extensão. E o Dr. Herculano, que morava em Porto Alegre, determinou a construção de alambrados no decorrer da cerca, para proteger o gado, antes que chegasse o tal trem.*

*Vindo de Porto Alegre, inspecionou o serviço e viu que não ia dar tempo: antes de terminar a cerca seria inaugurada a linha do trem! Então ele resolveu contratar diversos posteiros, para que, sabendo quais os rumos, os dias e horários em que o trem deveria passar, cuidassem de afastar o gado de perto dos trilhos. Assim que, entre os posteiros, arranchou-se um tal de Chico Manco, tido como vadio e muito conservador. E, já na primeira viagem, deu-se a tragédia! Veio o trem e atropelou mais de uma dezena de cabeças de gado. Sabedor da má notícia, o Dr. Herculano foi aos fundos da fazenda tirar satisfações do Chico Manco:*

- Mas como foi isso Chico?

E o posteiro, senhor de si, com a voz bem entonada explicou:

- Olha Dr.... tivemos sorte!

- Como tivemos sorte?! Vem o trem e, na primeira viagem, lá se vão quinze cabeças de gado?!

- Tivemos sorte, Dr. Herculano, pois o bicho resolveu cruzá de cumprido! Pois se ele vem de atravessado não sobrava nem eu pra le contá a história.

Veja-se que, aqui, o Chico Manco, que tem, na nomeação, alegorizada a carência de firmeza para andar pelo desconhecido mundo da modernidade, representado pelo trem, não encontra forma de reorganizar seu universo a partir dessa estranheza e, considerando o trem como um "bicho" não domável, fica passivo diante da ameaça tecnológica que destrói o gado de seu patrão.

Já o Compadre Mário Soares de São Chico de Paula, ainda que equivocado quanto à verdadeira dimensão dos valores da civilização, faz uma tentativa, mesmo que fantasiosa, para dominar esse novo mundo. Observemos:

## O FIO DO TELEFONE

*O compadre Mário Soares, de São Chico de Paula, no tempo de guri novo, gostava bárbaridade de um fandango! E, num sábado à tarde, solzinho reluzindo na macega, encilhou a egüinha dele, (uma égua muito buena) e veio a um baile cá perto do Passo do Esse. Aí, iniciado o baile, umas seis horas da tarde, inverno!, no escurecer, já começava a roncar a gaita! Seu Mário chegou no baile, vê uma potranquita linda no más lá no canto da sala!, e diz: "vô tirá essa prenda pra dançá". E já queria sair com ela pro salão. Mas deixa estar que se deu mal o compadre Mário Soares! Não é que a moça lhe deu um carão! Disse que era cumprumetida! E não quis dançar! O compadre Mário, ofedindo, (e ele não era de levar desaforo pra casa), armou um bochincho daqueles! Mas não deu tempo de eriçar o pêlo que entaipou de bigodé na frente dele!*

*Não teve outra saída a não ser puxar a adaga e sair riscando! "E, rapaiz de Deus... Não é que dalhiapouco<sup>10</sup> eu vi que enterrei a adaga um pouco mais na barriga de um!... E tive que ir à horta! Me atirei pela janela dos fundos, peguei a égua e saí estrada fora!*

*Aí, eu ia no galopito, e muito triste, porque, afinal de contas, pensava: eu, Mário Soares, rapaiz novo de São Chico de Paula, filho de boa gente... O Mário?! matá um home? Mas isso não se faz! Mas, também, não teve outro jeito! E... eu ia, assim, pensando e resolvendo o que eu ia fazer da minha vida! É difícil né?, porque afinal de contas eu gostava de São Chico! Ia ter que fugir pra outro lugar, de preferência pra um lugar bem longe!, onde ninguém fosse me achar! E caminhando, e pensando, essa altura, já ia devagarito na minha égua, triste, uma coisa anuviando no meu zolho, e resolvi que tinha que ir embora! E pensei comigo: é, vô fugi e vô prum lugar bem longe, onde ninguém me conheça... Vô pro Canela!*

*Decidido! Vô pro Canela! Mas quando eu fui chegando perto das bandas de Canela, ali no Canelinha, clareando o dia, eu olho assim pro alto e... me deu um cutuque! O que é que eu vejo? O fio do telefone! bárbaridade!... levei um susto! Porque pensei: que que adianta eu ir pro Canela? O delegado de São Chico pega o telefone, telefona pro delegado de Canela! E eu chego em Canela... E, tô preso! Tá preso o Mário Soares! Mas eu sô um home previnido! Sempre fui home muito previnido. Encostei a minha egüinha bem perto do poste do fio do telefone! E eu sempre tinha, embaixo dos arreios, um facão bem afiado! Pois olha, foi a minha sorte! Quando inventei de cortar o fio do telefone pra não deixar o delegado de São Chico avisar o delegado de Canela, eu corto o fio do telefone e foi só o que deu tempo!, pois, do fio que ficou do lado de São Chico de Paula,*

*ainda pude vê uma vizinha que saiu assim do fio: prendaaa o Mário! E caíram as palavrinhas no chão da estrada! Foi a minha sorte!"*

Veja-se o quanto o Cumpadre Mário padece da dificuldade de traçar os limites do mundo, novo para ele, um universo para o qual Canela, tão próxima, na realidade de São Francisco de Paula, toma a feição de "um lugar bem longe", dimensionado não pela velocidade do telefone, metonímia da modernidade, mas pelo andar da égua do campeiro. Observe-se, ainda, que essa personagem já está um passo adiante do Chico Manco, do caso anterior, pois usa um elemento cultural importante e representativo do domínio da natureza, no seu universo, que é seu facão "bem afiado", capaz de "cortar o fio do telefone", ameaça a sua sobrevivência.

Vejamos, novamente, o Compadre Mário Soares às voltas com a novidade tecnológica no caso abaixo:

## O DISCO VOADOR

*Isto se deu lá pras bandas de São Chico de Paula, na época em que os jornais andaram falando muito de discos voadores. Muita gente se gabava de ter visto um e, nos bolichos de campanha, se proseava grosso sobre o assunto. Índio valente não faltava pra olhar de perto um que por acaso baixasse na redondeza. Ah! isso não faltava mesmo.*

*O bolicho da Rosalinda estava cheio naquele sábado. Tardezinha, lusco-fusco, candeeiro aceso, nos gavetões, feijão, arroz, açúcar amarelo. Nas prateleiras, veneno de mosca, carrapaticida, azeite, marmelada, rapadura, pastilhas Valda. No teto, baldes, penicos, vasilhas, ferramentas, tudo coalhado de sortimento. Rosalinda de cuiá na mão, a peitaria farta, apoiada no balcão lustroso, atendendo solícita a freguesia. Uns índios, mais quietos que guri cagado em porta de rancho, carpeteavam numa mesa, outros proseavam tomando um trago de canha, acertavam venda de gado e arrendamentos de campo em meio a comentários admirados sobre os objetos não-identificados.*

*Foi, então, que chegou o compadre Mário Soares, cuera respeitado uma bárbaridade por aqueles lados, contador de causos, homem muito viajado, vivido mesmo. O compadre se aproximou do balcão, bem na hora que a Rosalinda mostrava pro Seu Aparício uma foto no jornal com a notícia de um disco voador. Aí, depois de pedir um "liso", o Seu Mário, que era homem vivido uma bárbaridade, e que tinha ficado escutando quieto um bom tempo, pigarreou grosso, se virou pra indiada e, no silêncio que se fez de vereda, relatou:*

<sup>10</sup> De acordo com pronúncia regionalizada.

"Mas não é que, outro dia, eu tava mateando solito na varanda lá de casa, me embalando na minha cadeira veta e olhando os vermelhão de tempo bom se espichando na direção do chovedor, quando vislumbrei um risco de fogo que passava dum lado pro outro do céu. Dum lado pro outro, dum lado pro outro... Acertei a vista e fiquei mirando aquilo meio desconfiado. E o risco foi engrossando, engrossando e ficando parecido com um pires alumiado que foi crescendo, crescendo, crescendo, baixando, baixando, baixando, até que, piscando umas luzinhas coloridas, estaqueou no pasto! Bem em frente a um capãozinho lá de casa... E eu, mateando... O bicho devia de ser quente porque chamuscou o pasto e saíram até umas fumacinhas! Af, ficou ali parado, parado um tempão, com as luzes piscando sempre, até que se abriu uma portinhola, e não é que saíram lá de dentro uns homenzinho verde com umas antenas espetadas na cabeça! E eu, mateando... E os homens se vieram, se vieram, o maiorzinho, que devia de ser o chefe deles, na frente. Se vieram, se vieram, e eu já me levantando pra receber os chegantes... E não é que o maiorzinho aquele mesmo se chegou pra mim e disse:

– Mas então, buenas compadre Mário!

– Buenas! Inda que mal pergunte, de onde são os senhores?

– Semo de Marte!

Aí prosiemo um pouco e quando eu ia convidar pra sentar um disse:

– Compadre Mário, o senhor não quer dar uma voltinha de disco?

Eu tava mesmo precisando repontar um gadinho... Aceitei e fui repontar o gado de disco. Embarquemo no pires e num vu a gente já tava em cima da animalada. Botei a cabeça pra fora da janelinha do disco e gritei pras vacas: "Ooh! ôoooooh! ôh!" A Princesa, a Salina e a Estrelinha olharam pra cima e... não é que me conheceram? Depois eu quis dar um adeusito pro meu compadre Argemiro Hoffman, que também tava mateando na varanda lá dele, mas acho que ele me estranhou, porque não me conheceu. Foi uma pena!

Aí, vortemo. Os homenzinhos disseram que já tava tarde, que eles tinham necessidade de dar uma volteada lá no Japão! Se despedimos e eu até mandei um resbuenas<sup>11</sup> pra indiada lá de Marte, que eu futurei tudo verdinho como eles.

E lá se foi o pires riscando as nuves de alumio!

E não é que, até hoje, não me conformo! Não é que me esqueci de ofertá uns mate pros home!

Veja-se que esse *etnotexto* reflete a disposição do campeiro de lidar com os elementos trazidos pela civilização uma vez que "In-

dio valente não faltava pra olhar de perto um disco voador que por acaso baixasse na redondeza", mas também demonstra que a compreensão do desconhecido e seu reconhecimento, é feita com o instrumental lingüístico familiar ao universo do narrador: o disco era, segundo ele, "parecido com um pires alumiado" que foi "crescendo, crescendo, baixando, baixando, baixando até que, piscando umas luzinhas coloridas, estaqueou no pasto!" Veja-se que ele "estaqueou" como faria o gado e a seguir ele é visto como um "bicho (que) devia ser quente porque chamuscou" (o chão). É curioso também como o narrador-personagem coloca-se numa posição de respeitabilidade e valorização, uma vez que os marcianos abordam-no com um "buenas compadre Mário", cumprimento típico da linguagem do seu mundo regional. Ainda, o campeiro resolve não só dar "uma voltinha de disco", como usá-lo para "repontar um gadinho". E, finalmente, não tem nenhum constrangimento de mandar um "resbuenas pra indiada lá de Marte".

Jean Bouvier apontou o quanto o *etnotexto* é revelador da face escondida do real. É comum tematizar-se sobre as conseqüências negativas da interferência da civilização no universo primitivo, mas não é isso que o caso *O disco voador* desvela. Ele demonstra o quanto o campeiro é capaz de assimilar o progresso e até fazer uso dele para rever seu universo. Ele revela que a Aldeia do Boi voador, mesmo lutando para preservar sua identidade não desconhece e até se integra na Aldeia Global. Talvez ele possa alegorizar para nós a importância do reconhecimento do discurso popular e regional na virada do século.

Com esse exemplo de abordagem do conto popular regional dos Campos de Cima da Serra pretendemos acrescentar mais um argumento à proposta, nesse estudo apenas esboçada, de vincular Literatura e História regional.

### Referências bibliográficas

BERTUSSI, Paulo e Lisana. *Causos do boi voador*. 2. ed. Caxias do Sul: EDUCS, 1996.

BOUVIER, Jean Claude et al. Patrimônio oral e consciência cultural. In: *Tradition orale et identité culturelle/problèmes et méthodes*. Paris, CNRS, 1980. Traduzido por Adylla Rocha Rabello e Idelele Fonseca dos Santos.

CESAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul*. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1971.

JOLLES, André. *Formas simples*. São Paulo: Cultrix, 1976.

<sup>11</sup> "Resbuenas" é expressão colhida nos Campos de Cima da Serra, e significa dar o "buenas" pela segunda vez.

MOUZARI, Idelete. Escrita da voz e memória do texto: uma abordagem da literatura popular brasileira. In: *Fronteiras do literário: literatura oral e popular Brasil/França*. Org. Zila Bernd e Jacques Migozzi. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do RS, 1995. [Ensaio CPG - Letras I]